

**DESAFIOS E REFLEXÕES NA APREENSÃO AFETIVA DA CIDADE:  
A DERIVA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

**Matheus Alcântara Silva Chaparim**  
orcid.org/0000-0002-6826-8578

Universidade Estadual Paulista (FAAC-UNESP)  
E-mail: matheus.chaparim@gmail.com

**Eduardo Romero de Oliveira**  
orcid.org/0000-0002-1287-4798

Universidade Estadual Paulista (FAAC-UNESP)  
E-mail: eduardo.romero.de.oliveira@gmail.com

**DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6517>**

**Resumo**

O procedimento da psicogeografia e sua técnica exploratória da deriva, desenvolvidos pelo movimento Internacional Situacionista nas décadas de 1950 e 1960, fizeram do ato de caminhar um meio de apreensão dos afetos urbanos. Ao longo dos últimos anos podemos observar muitas das ideias e práticas situacionistas serem adotadas e adaptadas em diversos âmbitos da sociedade. Inserido nesse contexto, este trabalho apresenta reflexões metodológicas e epistemológicas sobre como a deriva possibilita reconhecer o relevo psicogeográfico, buscando contribuições da teoria das emoções e afetos. Relata a experiência da disciplina “*Emotions and Affect from a Spatial Perspective*”, fornecida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, no segundo semestre de 2018, na qual foi realizada uma deriva no Camelódromo de Presidente Prudente (São Paulo). Ao final, diante dos desafios e potencialidades encontrados, verificamos como os estudos psicogeográficos podem auxiliar na compreensão dos processos de mediação afetivos que emergem e se organizam no espaço urbano.

**Palavras-chave:** Deriva; Psicogeografia; Afeto; Presidente Prudente.

**CHALLENGES AND REFLECTIONS IN THE CITY'S  
AFFECTIVE APPREHENSION: The Dérive as a  
Methodological Procedure**

**Abstract**

The procedure of psychogeography and its exploratory technique of *dérive*, developed by the International Situationist movement in the 1950s and 1960s, made the act of walking a means of apprehending the urban affections. Over the last few years we can see that many of the ideas and practices of situations are adopted and adapted in different sectors of society. Inserted in this context, this work presents methodological and epistemological reflections on how the *dérive* allows to recognize the psychogeographic relief, seeking contributions of the theory of emotions and affections. This article reports the experience of the class “*Emotions and Affect from a Spatial Perspective*”, provided by the Postgraduate

Program in Geography of FCT-UNESP, on the second semester of 2018, in which a *dérive* was made in the Camelódromo of Presidente Prudente (São Paulo). In the end, faced with the challenges and potential found, we verified how psychogeographic studies can help in understanding the affective mediation processes that emerge and organize in the urban space.

**Key words:** *Dérive*; Psychogeographic; Affect; Presidente Prudente.

## **DESAFIOS Y REFLEXIONES EM LA APREHENSIÓN AFECTIVA DE LA CIUDADE: La Deriva Como Procedimiento Metodológico**

### **Resumen**

El procedimiento de la psicogeografía y su técnica exploratoria de la *deriva*, desarrollados por el movimiento Internacional Situacionista en las décadas de 1950 y 1960, hicieron del acto de caminar un medio de *aprehensión* de los afectos urbanos. A lo largo de los últimos años podemos observar muchas de las ideas y prácticas situacionistas ser adoptadas y adaptadas en diversos ámbitos de la sociedad. En este contexto, este trabajo presenta reflexiones metodológicas y epistemológicas sobre como la *deriva* posibilita reconocer el relieve psicogeográfico, buscando contribuciones de la teoría de las emociones y los afectos. Narra la experiencia de la disciplina “*Emotions and Affect from a Spatial Perspective*”, ofrecida por el Programa de Pós-Graduación en Geografía de la FCT-UNESP, en el segundo semestre de 2018, en el cual fue realizada una *deriva* en el Camelódromo de Presidente Prudente (São Paulo). Al final, ante los desafíos e potencialidades encontrados, verificamos como los estudios psicogeográficos pueden auxiliar en la comprensión de los procesos de *mediación* afectivos que aparecen y se organizan en el espacio urbano.

**Palabras-clave:** *Deriva*; Psicogeografía; Afecto; Presidente Prudente.

### **Introdução**

Desde muito tempo o caminhar se tornou um modo de alterar a realidade do ser humano. Este meio de deslocamento básico, em determinado momento de sua história também passou a carregar significados simbólicos. Contudo, apenas no século XX as reflexões em torno do caminhar também abrangem a *apreensão* dos afetos urbanos. Isto se deve muito à psicogeografia, procedimento desenvolvido pelo movimento Internacional Situacionista, que compreende a cidade enquanto um relevo dos afetos. A técnica exploratória da psicogeografia é a *deriva* – um ato de andar “sem rumo”, com a finalidade de reconhecer e se apropriar do espaço urbano, além de buscar construir situações e estimular comportamentos afetivos.

Levando isso em conta, neste trabalho procuramos desenvolver reflexões sobre como a *deriva* possibilita reconhecer e registrar o relevo psicogeográfico, assim como os

desafios e potencialidades dessa prática de imersão na realidade estudada. A partir da experiência da disciplina *“Emotions and Affect from a Spatial Perspective”*, fornecida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, e ministrada pelo professor Dr. Jan Simon Hutta, buscamos ressaltar a relevância do tema das emoções e afetos para contribuir com nossos estudos sobre o método da deriva.

Primeiramente vamos apresentar uma reflexão sobre o “Ato de Caminhar”, para em seguida fazer um “Breve Histórico da Internacional Situacionista”, onde serão apresentados alguns conceitos fundamentais da crítica urbana situacionista. Autores basilares como Careri (2013), Jacques (2003) e Besse (2013, 2014) serão trabalhados como “pano de fundo”, sendo complementados pelos escritos etnográficos de Yi’Em (2014), e os trabalhos situacionistas de Bonnett (1989, 1999), Pinder (2009) e Stevens (2009). Posteriormente passamos para uma sucinta reflexão sobre a teoria dos afetos com base em Anderson (2014) e Thrift (2004), para, enfim, abordarmos a “Teoria da Deriva” de Guy Debord (2003b). Como estudo de caso será relatado o exercício da deriva realizado durante a disciplina no Camelódromo de Presidente Prudente (São Paulo), fazendo um diálogo com as experiências semelhantes de Bassett (2004). Ao final, algumas reflexões epistemológicas e metodológicas são realizadas.

Ressaltamos que este trabalho se coloca como uma primeira aproximação com o tema da teoria dos afetos, de modo que não buscamos realizar uma exaustiva revisão de suas abordagens, mas explorar possibilidades de diálogo com os temas já pesquisados.

## **O ATO DE CAMINHAR**

Segundo Francesco Careri (2013, p. 27-28), o ato de atravessar o espaço nasceu da necessidade natural de se mover para encontrar alimentos e informações para a própria sobrevivência. No entanto, ao passo que estas exigências puderam ser satisfeitas, o caminhar, ao modificar os significados do espaço atravessado, tornou-se a primeira ação estética que estabeleceu uma nova ordem no território do caos.

Através da experiência poli-sensorial, o ato de caminhar também se converte em uma maneira de habitar o mundo, de estar no espaço e nele construir uma espacialização específica, pois o espaço não é concebido nem praticado a priori, mas se forma pelos movimentos (BESSE, 2013, p. 45). Entretanto, para que a caminhada faça parte de um

processo de formação, é preciso que a locomoção e a percepção sejam indissociáveis, de modo que o corpo seja afetado pelo seu movimento (p. 50-51).

De maneira consoante, Yi'En (2014), compreende o ato de caminhar como uma prática móvel e encarnada, sendo uma experiência rítmica, capaz de oferecer *insights* e envolver os sentidos do nosso corpo. Apresenta-se, assim, como uma forma de refletir sobre o mundano, observando as criatividades de seus moradores e os espaços urbanos fragmentados.

Orientado pelas dimensões do “ordinário” e “cotidiano” da vida urbana, e, por mais que possa ser um ato direcionado, o caminhar tem o seu processo aberto às atrações ou distrações das presenças materiais. Neste sentido, sua experiência no espaço urbano é constantemente moldada por pessoas e objetos, de modo a se ajustar de acordo com a presença dos outros corpos e seus movimentos (Y'EM, 2014).

Deste modo, o caminhar não é realizado de forma passiva - na caminhada a sua sensibilidade está tão ativa quanto é ativada; além de ser um processo de questionar o próprio estado do mundo por meio de sua experimentação: “A caminhada, de fato, requalifica o espaço, no sentido próprio do termo: dando-lhe novas qualidades, novas intensidades” (BESSE, 2014, p.54-5).

Como bem recorda Besse (2014), os potenciais experimentais e questionadores da caminhada foram percebidos e teorizados há algum tempo, por diversas figuras, como o “flanar bauhausiano, a deambulação surrealista, a deriva situacionista” (p.55), entre outras. Nestes casos, as grandes metrópoles serviram como campos de exploração lúdicos e metódicos para estas experiências, que procuravam apreender ou revelar, e até mesmo construir idealmente outros espaços.

Conforme ressalta Careri (2013, p.65-66), seria apenas com as vanguardas do século XX, que a prática estética do caminhar se desvincularia do ritualismo religioso para adotar as formas de uma arte autônoma (ou uma “antiarte”), pois foi neste período que se utilizou do percurso para minar as formas de representações tradicionais.

Careri (2013) destaca três importantes momentos de passagem da história da arte que tiveram como ponto de inflexão a experiência do caminhar: do Dadaísmo ao Surrealismo (1921-24); da Internacional Letrista à Internacional Situacionista (1956-57); e, do Minimalismo à Land Art (1966-67). Assim, iniciando-se com a crítica do Dadá, que utilizou o caminhar como forma de antiarte ao fazer uma crítica à representação, expandiu-se tal

visão à psicologia com o surrealismo (com as zonas inconscientes), e posteriormente à política com os situacionistas (com a crítica urbana e capitalista). A Land Art, por sua vez, transformou o próprio objeto escultórico na construção do território, através da expansão à paisagem e à arquitetura.

Na seção a seguir vamos melhor elaborar a passagem da Internacional Letrista à Internacional Situacionista mencionada acima.

### **BREVE HISTÓRICO DA INTERNACIONAL SITUACIONISTA (I.S.)**

Guy-Ernest Debord (1931-1994), principal fundador da Internacional Situacionista (I.S.), foi muito influenciado pelo movimento Dadá e Surrealista. Entre 1951 e 1952 teve uma breve relação com o movimento Letrista, mas quando entrou em conflito os deixou para fundar com amigos a Internacional Letrista (I.L.). De 1952 a 1957 o grupo publicou alguns periódicos tratando de questões inicialmente ligadas à arte, à superação do Surrealismo, sobre a vida cotidiana em geral e, também, sobre a arquitetura e urbanismo, especialmente como crítica ao funcionalismo moderno (JACQUES, 2003, p. 16).

A Internacional Letrista já apresentava algumas ideias e práticas que posteriormente formaram a base do pensamento urbano situacionista, elaboradas em colaboração com membros de grupos de artistas europeus com tendências semelhantes, com destaque para Arger Jorgensen e Constant Nieuwenhuys. Aos poucos estes laços se estreitaram, e, em 1957, a Internacional Situacionista foi fundada passando rapidamente a ter adeptos em vários países (JACQUES, 2003, p. 17-18). O grupo inicialmente era pequeno e organizado (aproximadamente 72 membros de 16 países), evitando hierárquicas e estimulando ações de organizações revolucionárias autônomas (PINDER, 2009, p. 145).

### **A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

O período mais ativo da I.S. ocorreu no contexto de Paris das décadas de 1950 e 1960, onde se testemunhava um enorme programa de reconstrução da cidade (BONNETT, 1999, p. 27). Entre 1958 e 1969, 12 números da revista IS foram publicados. Nos primeiros seis números (até 1961) as questões tratavam basicamente da arte, passando para uma preocupação mais centrada no urbanismo, que se deslocaram em seguida para as esferas políticas e revolucionárias, culminando na determinante e ativa participação situacionista nos eventos de Maio de 1968 em Paris. Entre outras publicações importantes para a formação

do espírito revolucionário pré-68, está o clássico de Guy Debord - *La société du spectacle* (1967) (JACQUES, 2003, p. 18).

Nessa obra, Debord desenvolveu uma crítica sobre um novo estágio do capitalismo (BONNETT, 1999, p. 25), no qual a sociedade moderna é oprimida pelas imagens nas quais age e vive (BONNETT, 1989, p. 135). O autor pensou o espetáculo como um mundo que é objeto de contemplação e não da intervenção direta, de modo que a ordem econômica dominante cultiva espectadores, induzindo-os a passividade (PINDER, 2009, p. 146). Essa visão de submissão ao capital requeria um novo tipo de política radical, por isso os situacionistas propuseram a mutação como forma de resistência, denominando-a de “desvio” (*Détournement*) (BONNETT, 1999, p. 25).

Os situacionistas buscavam a transformação radical das relações e espaços sociais, acreditando que a revolução deveria implicar não apenas a mudança nas formas de governo político, mas também do tecido e textura da vida cotidiana. Um processo para superar a alienação, fragmentação e divisão da vida dominada pela mercadoria, no qual as pessoas pudessem descobrir seus verdadeiros “eus” e desejos. O grupo entendia que para mudar a vida cotidiana era necessário mudar os espaços cotidianos, propícios para novos modos de vida (PINDER, 2009, p. 144). Ademais, nas bases de suas teorias estavam a aversão ao trabalho e a suposição de uma transformação no uso do tempo na sociedade com o progresso da automação, defendendo o uso do tempo livre de modo não utilitarista, mas lúdico (CARERI, 2013, p. 97-98).

Apesar da visibilidade conquistada nas diversas ações situacionistas que marcaram os acontecimentos de Maio de 1968, a I.S., depois de um grande fortalecimento, entrou em crise. O seu súbito reconhecimento atraiu muitos novos membros de vários países, tornando a organização cada vez mais complexa e praticamente incontrolável. Assim, a I.S. se dissolveu em 1972, um fim que para Debord seria o verdadeiro começo de uma geração situacionista (JACQUES, 2003, p. 18).

## O PENSAMENTO URBANO SITUACIONISTA

O pensamento urbano situacionista foi baseado na ideia central de “situação construída”, (*Situation Construite*) entendida como um “momento da vida, concreto e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos”, que permitiria realizar novos comportamentos e de experimentar

na realidade urbana os momentos de uma sociedade mais livre (CARERI, 2013, p. 98). Esta proposta fundamentou a teoria urbana crítica do grupo, o “Urbanismo Unitário” – UU (*Urbanisme Unitaire*), um conceito referente à criação coletiva de um espaço dinâmico, móvel, lúdico e vivido por seus criadores, que transcendia as atuais divisões sociais e espaciais e encontrando expressão na experimentação imediata e na luta política (PINDER, 2009, p. 148).

Entretanto, até chegarem neste estágio de reflexão, pode-se notar uma sequência na mudança de escala de preocupação e área de atuação do pensamento situacionista. De um interesse inicial em ir além dos padrões vigentes da arte moderna, propondo uma arte integral ligada à vida, o grupo logo percebeu que isso estaria em relação direta com o meio urbano. Em um primeiro momento, essas investigações se referiam à experiência da cidade existente como base para uma proposta de cidade situacionista.

Mas à medida que os situacionistas aprofundavam as suas experiências urbanas, eles abandonaram a ideia de propor cidades reais e passaram à crítica feroz contra o urbanismo e o planejamento em geral. Eles eram contra o monopólio urbano dos urbanistas e planejadores e a favor de uma construção realmente coletiva das cidades (JACQUES, 2003, p. 18-19). Os Situacionistas viam o urbanismo existente como uma das principais causas da alienação, e sua espacialização era a forma mais avançada da sociedade capitalista de consumo (STEVENS, 2009, p. 151-152).

Neste sentido, a I.S. chegou a uma convicção exatamente contrária daquela dos arquitetos modernos. Enquanto os modernos acreditaram, em um primeiro momento, que a arquitetura e o urbanismo poderiam mudar a sociedade, os situacionistas estavam convictos de que a própria sociedade deveria mudar a arquitetura e o urbanismo. Se os modernos chegaram a achar que a arquitetura poderia evitar a revolução, os situacionistas, ao contrário, queriam provocar a revolução, e pretendiam usar a arquitetura e o ambiente urbano para induzir à participação e para enfrentar a alienação e a passividade da sociedade.

Os situacionistas perceberam que não seria possível propor uma forma de cidade pré-definida, pois, segundo suas próprias ideias, esta forma derivaria da vontade de todos e não poderia ser ditada por um planejador. Qualquer construção dependeria da participação ativa dos cidadãos, o que só seria possível por meio de uma verdadeira revolução da vida cotidiana (JACQUES, 2003, p.19-20).

Desta forma, não existiu de fato um modelo de espaço urbano situacionista; o que existiu, foi um uso, ou apropriação, situacionista do espaço urbano, assim como uma forma situacionista de viver e experimentar a cidade. Posteriormente, o grupo ainda passou da ideia da revolução da vida cotidiana para uma revolução política propriamente dita, o que não deixou de se relacionar à questão urbana (JACQUES, 2003).

## **O RELEVO DOS AFETOS**

De acordo com Thrift (2004, p.58), os conhecimentos sistemáticos sobre a criação e a mobilização dos afetos estão sendo empregados cada vez mais conscientemente, sendo parte de como as cidades são entendidas e governadas. O autor ressalta que não há uma “definição estável de afeto” (p.59), mas em todas as abordagens por ele apresentada em seu trabalho o “afeto é entendido como uma forma de pensar” (p.60).

Segundo Ben Anderson (2014, p.5) o termo “afeto” pode ser usado para descrever um conjunto heterogêneo de fenômenos que fazem parte de nossas vidas. Nesta perspectiva, o autor cita Sedgwick (2003), “Affects can be, and are, attached to things, people, ideas, sensations, relations, activities, ambitions, institutions, and any number of other things, including other affects” (SEDGWICK, 2003, p.19).

Como um ponto de partida para sua reflexão, Anderson (2014, p.9) recorda a definição mais geral de afeto, expressa por Deleuze (1988), para quem o afeto é uma capacidade corporal de afetar e ser afetado, onde um corpo pode, em princípio, ser qualquer coisa. A partir dessa afirmação duas características podem ser retiradas – a primeira é que as capacidades corporais para afetar e ser afetado surgem e se desenvolvem em conjunto; a segunda, é que o afeto está relacionado às capacidades e não às propriedades existentes do corpo. Além disso, mesmo que os afetos sejam mediados por relações que os fazem emergir, as capacidades de um corpo nunca são determinadas por elas.

Para compreendermos e descrevermos como a vida afetiva é organizada, e possuir um modo de engajamento adequado, precisamos reconhecer os múltiplos processos de mediação e entender como eles entram em relação (ANDERSON, 2014). Diante das várias maneiras dos afetos serem ordenados, destacamos os estudos situacionistas da psicogeográfica (*psychogéographie*) como uma das formas de se buscar compreender os processos de mediação da vida afetiva, por meio de suas derivas e na elaboração gráfica de “cartografias de influência”.

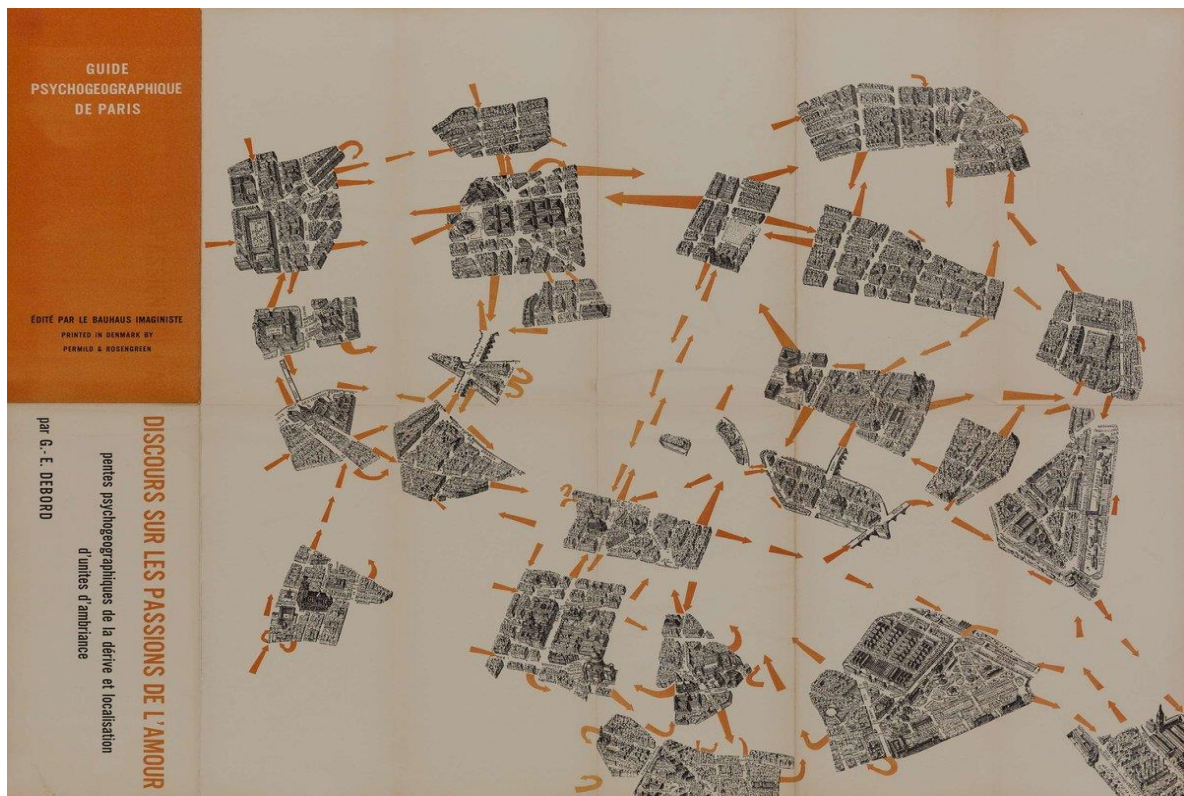


## CARTOGRAFIAS PSICOGEOGRÁFICAS

Segundo Careri (2013), desde as primeiras deambulações situacionistas, já nascia a ideia de formalizar a percepção do espaço em mapas influenciadores ou ainda compreender as “pulsões que a cidade provoca nos afetos do pedestre” (p. 82). Esta visão seria reencontrada nas cartografias situacionistas.

Foi Debord quem realizou o primeiro mapa psicogeográfico situacionista, em 1957: “*La Guide psychogéographique de Paris*” – um mapa dobrável para ser distribuídos aos turistas. A intenção era convidar o turista a perder-se, ao seguir as setas que unem as unidades de ambiência (CARERI, 2013, p. 92) (Figura 01).

**Figura 01.** *La Guide psychogéographique de Paris*

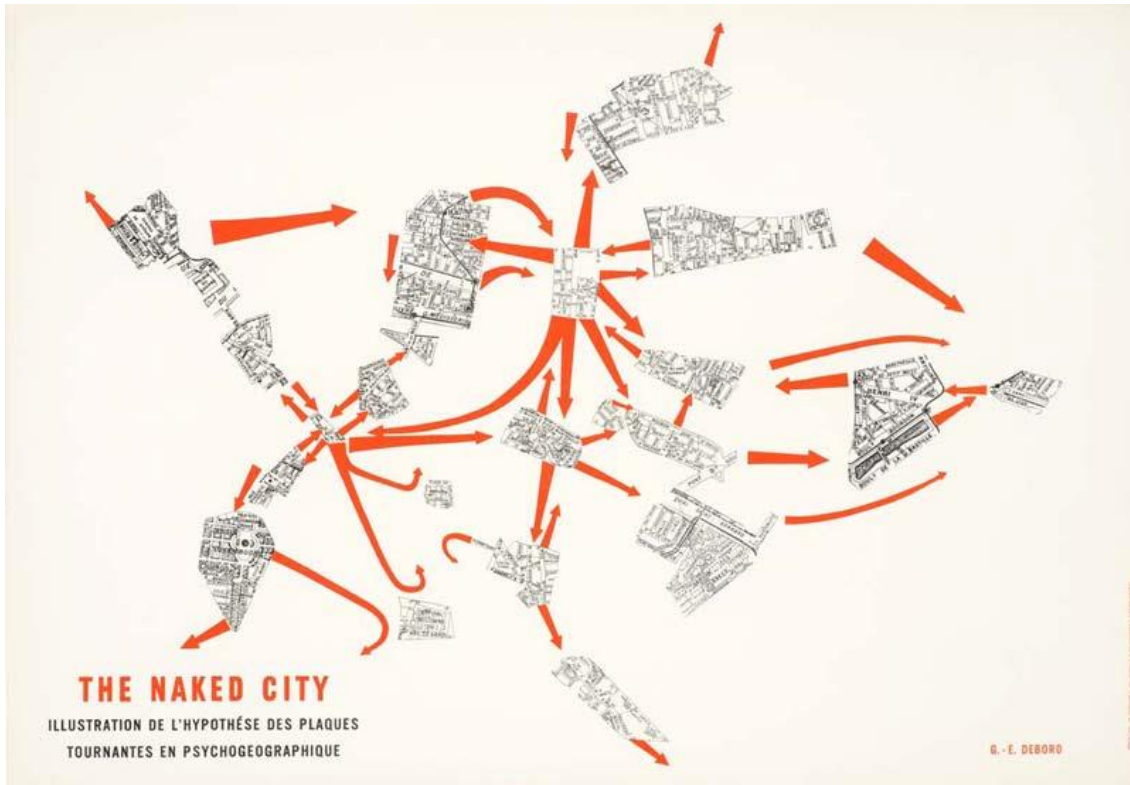


Fonte: DEBORD, G. 1957.

Naquele mesmo ano Debord publica outro mapa, “*The Naked City, illustration de l’hypothèse des plaques tournantes*”, podendo ser considerado a melhor representação gráfica do pensamento urbano situacionista (Figura 02). Composto por vários recortes do mapa de Paris em preto e branco, representativos das unidades de ambiências, assim como setas vermelhas que indicam as ligações possíveis entre essas unidades. A distribuição

aparentemente aleatória não corresponde à localização da cidade real, mas à organização afetiva desses espaços a partir da experiência da deriva (JACQUES, 2003, p. 23).

**Figura 02.** The Naked City, illustration de l'hypothèse des plaques tournantes



**Fonte:** DEBORD, G. 1957.

Os bairros descontextualizados são expressos como continentes à deriva, como terrenos que se atraem e rechaçam, reciprocamente, por meio da contínua produção de tensões afetivas desorientadas. Tanto as delimitações, como as distâncias entre as placas e a espessura dos vetores são resultados dos estados de ânimo experimentados (CARERI, 2013, p. 92).

Estes mapas situacionistas ilustravam uma nova maneira de apreender o espaço urbano a partir de sua experiência afetiva, ao levar em consideração aspectos sentimentais, psicológicos ou intuitivos, que muitas vezes caracterizam melhor determinados espaços do que os simples aspectos físicos ou morfológicos (JACQUES, 2003, p.24).

A brusca mudança de ambiência numa rua, numa distância de poucos metros; a divisão patente de uma cidade em zonas de climas psíquicos definidos; a linha de maior declive – sem relação com o desnível – que devem seguir os passeios a esmo; o aspecto atraente ou repulsivo de certos lugares; tudo isso parece deixado de lado. Pelo menos, nunca é percebido como dependente de causas que podem ser esclarecidas por uma análise

mais profunda, e das quais se pode tirar partido. As pessoas sabem que existem bairros tristes e bairros agradáveis. Mas estão em geral convencidos de que as ruas elegantes dão um sentimento de satisfação e que as ruas pobres são deprimentes, sem levar em conta nenhum outro fator (DEBORD, 2003a, p.41).

Além disso, esses mapas permitem traduzir a evolução de nossos atos, sendo a representação de um “itinerário” (BESSE, 2014, p. 204). Eles relatam as experiências situacionistas com o movimento e enfatizam que as cidades são experienciadas sucessivamente no tempo e por sujeitos reais, cujos movimentos são guiados pelas atrações e repulsões de atmosferas particulares (STEVENS, 2009, p. 154).

### A DERIVA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A deriva (*dérive*) é uma atividade lúdica coletiva, que visa não apenas definir zonas inconscientes da cidade, mas também pretende investigar os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz no indivíduo. Constitui-se como a construção e a experimentação de um modo alternativo de habitar a cidade, contrário às regras da sociedade burguesa, além de se colocar como a superação da deambulação surrealista, de modo a transformar a leitura subjetiva em um método objetivo de exploração da cidade (CARERI, 2013, p. 83-85).

Segundo Careri (2013 p. 89), a deriva é uma operação que aceita o destino, mas não se funda nele, de modo que possui algumas regras. Dentre elas, destacam-se: a divisão numérica mais recomendada consiste em pequenos grupos de duas ou três pessoas para que a análise conjunta permita chegar a conclusões objetivas; a duração média pode ser considerada como o tempo entre dois períodos de sono, com a ressalva que as últimas horas da noite podem não ser muito adequadas; a influência de variações climáticas pode ser até propícia para a deriva, exceto em chuvas prolongas que a impedem absolutamente; e a extensão espacial pode variar desde uma quadra ou um bairro, até o conjunto de uma grande cidade e suas adjacências (DEBORD, 2003b, p.88-89).

Ademais, a própria deriva era tida pelos situacionistas como um modo de subversão da cidade (ANDRADE, 2003, p. 11). Ao nosso ver, isso se aproxima da visão de Certeau (2008), que entende o caminhar como um processo de apropriação do sistema topográfico, uma realização espacial do lugar, além de implicar relações entre posições diferenciadas de forças.

Desta forma, a partir da prática da deriva, proposta por Guy Debord (2003b), entendemos que há a possibilidade metodológica de apreender o espaço pela experiência, além de reconhecer as práticas cotidianas a partir do caminhar. Segundo o autor, a deriva ocorre quando:

Uma ou várias pessoas [...] estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar. (DEBORD, 2003b, p.87).

Conforme afirma Careri (2013), trata-se de se perder com a finalidade de conhecer, pois “quem perde tempo ganha espaço” (p.171). Assim, atentando-se às solicitações do local, a deriva proporciona uma vivência e experiência corporal no meio urbano, de modo que sua tarefa é compor a “cartografia influenciada que faltava até o momento” (DEBORD, 2003b, p.91).

A deriva é como a experiência desses relevos, dessa morfologia dos espaços urbanos. Mas é também uma experiência provocada, uma experimentação que tem o poder de revelar os valores próprios, os ambientes e as significações dos meios atravessados e percorridos. A deriva comporta, nesse sentido, uma parte ao mesmo tempo crítica e projetual: apresenta uma cartografia alternativa dos mundos urbanos, reconfigura os espaços da arquitetura e do urbanismo a partir daquilo que se pode chamar de consideração das zonas de intensidade afetiva que os constituem. É efetivamente outra cartografia da realidade que é proposta aqui, relativamente à revelação de outro espaço urbano (BESSE, 2014, p. 220).

Assim, pela elaboração de uma cartografia influenciada psicogeográfica, é possível mapear as diferentes “unidades de ambiência” com base nos comportamentos afetivos reconhecidos durante a experiência no local, ressaltando os “principais eixos de passagem, suas saídas e suas defesas”, como também “as distâncias que separam efetivamente os lugares de uma cidade” com suas “margens” mais ou menos extensas (DEBORD, 2003b, p. 90-91).

## **DERIVA NO CAMELÓDROMO DE PRESIDENTE PRUDENTE**

Como exercício prático da disciplina “*Emotions and Affect from a Spatial Perspective*”, foi decidido que faríamos uma deriva pelo Camelódromo da Praça da Bandeira de Presidente Prudente (SP). O local foi escolhido devido às suas características - um centro comercial que conforma um “labirinto de galerias” com seus corredores sobrepostos, nos quais são vendidos os mais variados produtos, desde aparelhos eletrônicos, lanches, roupas e até cortes

de cabelo. Localizado no centro da cidade, em uma praça histórica, possui diversos acessos e um grande fluxo de pessoas, e, conseqüentemente, de afetos em circulação. Margeia a antiga linha férrea, além de possuir a marcante presença de um viaduto.

Antes de irmos a campo, foi realizada uma preparação teórica em sala de aula, na qual foram elucidadas algumas questões básicas sobre este método de reconhecimento e apropriação do espaço urbano, assim como estabelecidas as “regras do jogo”: teríamos aproximadamente uma hora e meia para realizar a experiência; deveríamos nos restringir aos limites físicos da praça; e poderíamos nos dividir para ampliar o número de experiências.

Assim, após o exercício, retornaríamos para a faculdade e discutiríamos em sala de aula as apreensões realizadas. Abaixo seguem descrições das experiências, e, posteriormente, algumas das reflexões sobre esta abordagem realizada juntamente com todos os alunos da disciplina.

#### DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES

Era uma manhã nublada de sábado. Combinamos de nos encontrar na entrada do camelódromo. Tínhamos em mãos um papel com algumas perguntas norteadoras apoiadas no “vocabulário situacionista”, que sugeria que déssemos uma especial atenção aos “espaços de atração/repulsão”, às “unidades de ambiência”, aos “turbilhões, declives, limiares”, assim com a “coexistência de temporalidades”.

Logo após nos encontrarmos, seguimos caminhando pela parte externa das galerias. Devido ao tempo, o horário e o dia semana, não havia muitas pessoas transitando pelo local, se comparando com outros períodos. Em passos lentos, caminhamos observando as práticas espaciais e os comportamentos afetivos. Algumas lojas ainda estavam sendo abertas, e uma garoa começou a cair.

Conforme sugerido pela “Teoria da Deriva”, fomos nos deixando levar pelas solicitações do lugar e os encontros decorrentes. Logo passamos ao lado de um acesso subterrâneo, que levava ao outro lado da linha férrea, e, pouco depois, permanecemos alguns instantes sob a sombra do viaduto. Muitas lembranças de outras situações e sinergias vividas eram lembradas ao longo do caminho.

Quando chegamos próximos ao estabelecimento da “Junta do Serviço Militar” nos deparamos com algumas pessoas dormindo sobre colchões, que consideramos como em “situação de rua”. O desenho do local não levava muitas pessoas a circular naquele trecho, o

que permitiu que ali fosse um local propício para que eles permanecessem. Um pouco adiante, sentimos um forte cheiro de urina, que nos incomodou e afastou (Figura 03).

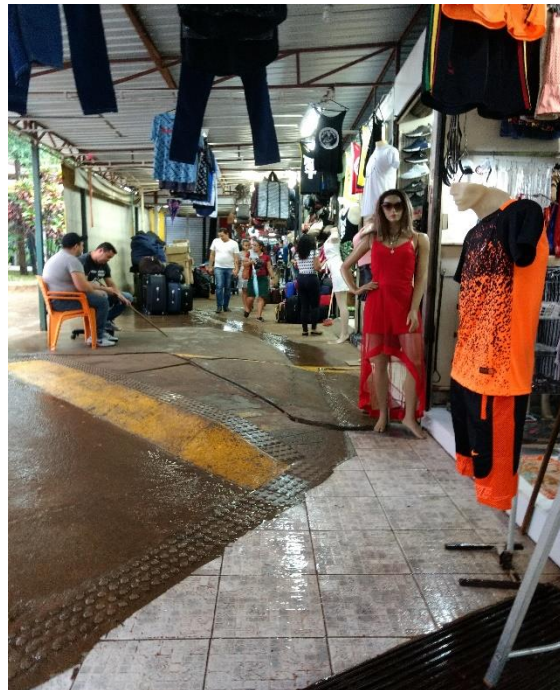
Em seguida, nos dirigimos para a parte interna do camelódromo. Neste momento começamos a sentir os mais variados odores e aromas. Dentre eles, destacou-se o de “plástico” de uma loja de calçados. O grupo resolveu se dividir para seguirmos os mais diversos caminhos possíveis. Naqueles corredores, as vendedoras (em sua maioria eram mulheres) sempre nos abordavam tentando nos atrair para as lojas – “Posso ajudar?”. Isso acontecia especialmente se houvesse o cruzamento de olhares (Figura 04).

De fato, como estávamos em um grupo de 5-6 pessoas, nossa presença era marcante por ali (Figura 05). Isso era mais facilmente notado quando conversávamos com os comerciantes ou clientes.

**Figuras 03.** Espaço de repulsão.



**Figura 04.** Espaço de atração.



**Fonte:** Acervo da disciplina. 2018.pesquisadores

**Figuras 04.** Influência dos pesquisadores.



**Fonte:** Acervo da disciplina. 2018.

Como a chuva persistiu durante todo o nosso caminho, ficamos ainda mais restritos ao perímetro das galerias. Percebemos que isso também limitou o espaço das lojas, especialmente as de alimentação, que costumam espalhar cadeiras e mesas pela praça (Figura 06). Também não encontramos algumas “presenças”, como os vendedores de artesanato, que normalmente permanecem em uma área semidescoberta sob as árvores (figura 07).

**Figuras 06 (esquerda) e 07 (direita).** Influências climáticas.

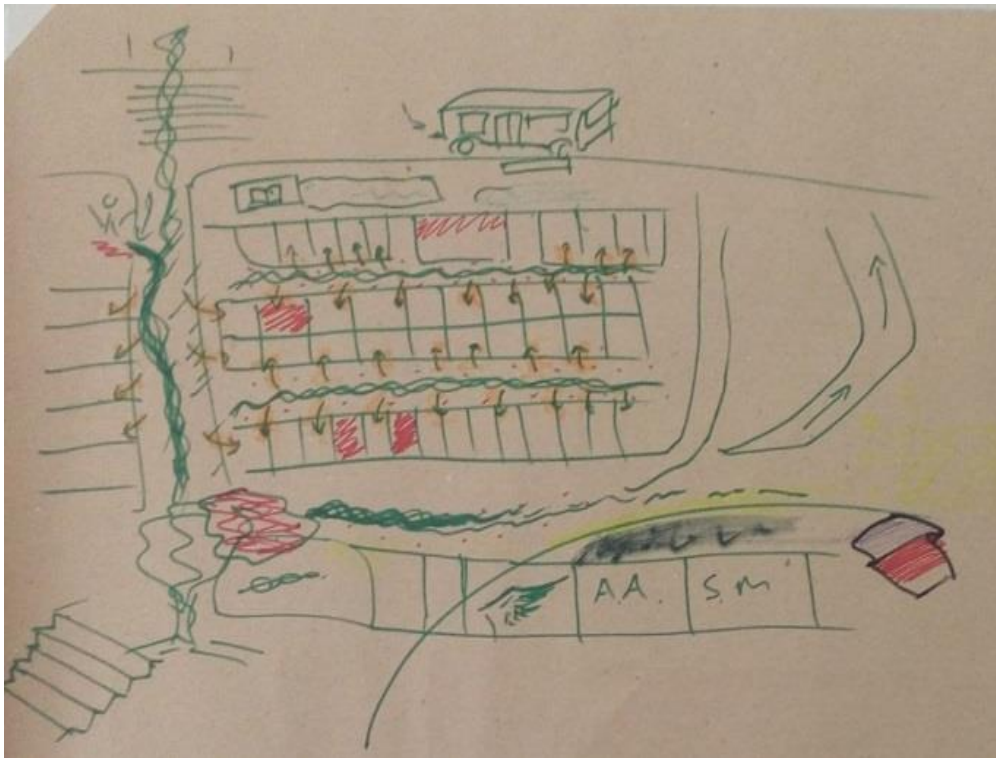


**Fonte:** Acervo da disciplina. 2018.

Assim, depois de nos deixarmos perder por cerca de pouco mais de uma hora por aqueles corredores, voltamos para a faculdade.

Após as experiências em campo e a coleta de dados, continuamos com a dinâmica em sala de aula. A partir de uma reflexão sobre os espaços afetivos, realizamos como “produto” da atividade uma cartografia psicogeográfica (Figura 8), tendo como referência os mapas situacionistas.

**Figura 08.** Cartografia Psicogeografia do Camelódromo.



**Fonte:** Elabora na disciplina. 2018.

Neste mapa buscamos representar as diferentes percepções e sensações que tivemos ao longo da experiência do trabalho de campo. Demarcamos alguns pontos de referência física-visual, como a presença do viaduto, das árvores e os perímetros da galeria e da praça. Também ressaltamos os acessos principais para os pedestres. Tendo como fundo estes limites, delimitamos os locais onde nos sentimos mais atraídos ou repelidos. As setas de cor laranja ilustram os impulsos de atração, enquanto as linhas verdes mostram os momentos de permanência durante o percurso e a mancha amarela demarca o local de repulsão (cheiro de urina).



## DISCUSSÕES E REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DA DERIVA

Ao refletirmos sobre as dificuldades encontradas, assim como as possibilidades que se abrem com a utilização do método da deriva, algumas questões de ordem epistemológica e metodológica foram levantadas: uma primeira reflexão envolve as formas de representar e registrar as experiências da deriva. Por exemplo, a necessidade da explicação anterior demonstra uma limitação da cartografia enquanto um mapa parcialmente subjetivo. Pensar em ir além do mapa como representação do relevo psicogeográfico pode possibilitar resultados ainda mais potentes.

Neste sentido, trabalhos etnográficos como o de Yi'En (2014), que apresentam técnicas de coleta de dados, como o caminhar, a fotografia, as gravações de vídeo e as anotações de campo, e suas implicações na pesquisa sobre os espaços urbanos, contribuem para enriquecer os levantamentos e criar outras formas de representações psicogeográficas.

Além disso, também realçamos a questão sobre como representar a co-implicação entre as percepções dos usuários e a dos pesquisadores – é difícil supor que os limites, os eixos, as unidades de ambiência, assim como os espaços de atração e repulsão possam ser representados da mesma maneira e signifiquem a mesma coisa para todas as pessoas.

Uma segunda reflexão envolve questões práticas da deriva. No exercício realizado, o tempo chuvoso, a hora que nos encontramos, assim como o dia da semana (sábado), foram fatores importantes que modificaram as presenças que encontramos no percurso. Consequentemente, isso teve influência direta em nossa percepção e apreensão do espaço do camelódromo.

Embora no texto da Teoria da Deriva Guy Debord (2003b) diga que variações climáticas possam ser até propícias, o que podemos constatar é que existem mudanças nas experiências da deriva de acordo com essas influências. Neste sentido, um ponto importante se refere à necessidade de se realizar diversas derivas para se alcançar a “saturação” do reconhecimento afetivo do local.

No trabalho de Bassett (2004, p. 407), que apresenta o desenvolvimento de derivas por estudantes de geografia em Paris, foi verificado que diferentes experiências eram vivenciadas ao se fazer várias derivas na mesma área. Para o autor, isso se deve, em partes, a crescente familiaridade com a área, assim como pela procura de algo diferente para ser registrado.

Ao longo do percurso também observamos como as outras pessoas do grupo percebiam o espaço psicogeográfico. Isso reforça a sugestão de Debord (2003b) de se fazer derivas coletivas para que se chegue a “conclusões objetivas” (p. 88). Essa questão está estreitamente ligada com outro ponto colocado nas discussões - como lidar com aquilo que não se percebe enquanto determinado sujeito social construído culturalmente? Diferenças de gênero ou nacionalidade (como no caso do próprio professor que lecionou a disciplina) criam barreiras e/ou reações diferentes, o que pôde ser percebido nas sinergias ao longo do percurso.

Conforme Ahmed (2014), o que sentimos ao nos depararmos com uma atmosfera também dependem do nosso “ângulo” de chegada. Quando experimentamos uma atmosfera e ficamos tensos, esta reação afeta o que acontece em seguida, e as coisas se modificam. Além disso, podemos estar no mesmo ambiente, mas tendo percepções diferentes, por simplesmente estarmos “sintonizados” em coisas diferentes. O nosso “foco” influencia diretamente o que percebemos, pois nossos corpos também são orientados para aquilo em que projetamos os nossos sentimentos.

Fechamos nossa reflexão ressaltando que metodologicamente precisamos sempre deixar claro a nossa posição enquanto sujeitos culturais. Isto porque as barreiras que encontramos, e tudo aquilo que percebemos e sentimos são influenciados por quem somos, de modo que nossa presença também modifica o ambiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como apresentamos ao longo do trabalho, as reflexões do Movimento Internacional Situacionista ainda se mostram pertinentes para desenvolver experiências afetivas em nossas cidades. Acreditamos que os estudos psicogeográficos, ao traçar os afetos que emergem e se organizam em suas elaborações gráficas, permitem que se entenda como os processos de mediação entram em relação. Associados a isso, também há descrições de como os afetos ocorrem e se expressam na vida cotidiana.

Segundo Jacques (2003), correntes de pensamento urbano tendem à espetacularização de nossas cidades contemporâneas, seja pelo congelamento (como a cidade-museu e a patrimonialização desenfreada), seja pela difusão (com a cidade genérica e a urbanização generalizada). Isso demonstra como o pensamento urbano situacionista, e

principalmente sua crítica ao urbanismo enquanto disciplina, pode ser visto hoje como um convite à reflexão, à autocrítica e ao debate.

De fato, muitas das ideias e práticas situacionistas passaram a ser adotadas e adaptadas de diversas formas desde o início dos anos 1970 (BONNET, 1999, p. 27). Elas foram utilizadas em diversos campos da sociedade, mas apenas em meados dos anos 80 e início dos 90 que suas influências se tornaram mais expressivas. De acordo com Pinder (2009, p.145), desde 1989, com uma série de exposições e publicações, os situacionistas se tornaram referência nos círculos da prática artística, na história da arte e da cultura e na teoria crítica.

Stevens (2009, p.155) também ressalta que a partir dos anos 1990 há um ressurgimento do interesse pelo pensamento situacionista pelos geógrafos urbanos, especialmente com enfoques metodológicos. Para Pinder (2009 p.145), este contínuo retorno se mostra importante, pois permite que se reflita sobre uma série de questões ainda atuais, como a sociedade do espetáculo, a exploração e contestação de espaços urbanos, assim como o utopismo em tentar imaginar e construir futuros urbanos emancipatórios.

Contudo, muito do trabalho situacionista também passou a ser “desviado” (BONNET, 1999, p. 27). Literaturas tratam suas visões da cidade e da vida urbana como mercadorias, intelectualizando, estetizando e despolitizando-as (STEVENS, 2009, p.155), além de fazerem de seus conceitos modismos dentro da mídia e dos estudos culturais, os quais diluem sua força crítica ao negligenciar suas raízes (PINDER, 2009, p.146).

Mesmo com esses desafios, Jacques (2003) ressalta que a reunião das ideias, procedimentos e práticas urbanas situacionistas ainda podem ser consideradas como um pensamento singular e inovador, que permitem inspirar novas experiências, interessantes e originais, de apreensão do espaço urbano. Conforme Bassett (2004, p.408), tais experiências podem nos envolvem de forma ativa, elevando a consciência dos lugares, de seus ritmos urbanos e de como vivenciamos os fenômenos da cidade. Ademais, permitem refletir sobre como lemos a cidade e como podemos representá-la, levantando questões epistemológicas e metodológicas.

## Referências

- AHMED, S. Atmospheric Walls. In: **feministkilljoys**, 2014. Disponível em: <https://feministkilljoys.com/2014/09/15/atmospheric-walls/>. Acesso em 02 de março de 2019.
- ANDERSON, B. **Encountering Affect: Capacities, apparatuses, Conditions**. Farnham: Ashgate. 2014. P. 1-21.
- ANDRADE, C. R. M. de. Prefácio. In: JACQUES, P.O. (Org). **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BASSETT, K. Walking as an Aesthetic Practice and a Critical Tool: Some Psychogeographic Experiments. **Journal of Geography in Higher Education**. Vol. 28, p.397-410, 2004.
- BESSE, J.M. Paisagem, hodologia, psicogeografia. In: BESSE, J. M. **O gosto do mundo: Exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2014. P. 183-222.
- BESSE, J.M. Estar na Paisagem, Habitar, Caminhar. In: CARDOSO, I. L. **Paisagem e Patrimônio**. Lisboa: Dafne Editora. 2013. P. 33-53.
- BONNETT, A. Situationism, geography, and poststructuralism. **Environment and planning D: Society and space**. Vol. 7, p. 131-146, 1989.
- BONNETT, A. Situationist strategies and mutant technologies. **Angelaki**. Vol. 4, p. 25-32, 1999.
- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2013.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008. Vol. 1 (Artes do fazer)
- DEBORD, G. Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana. In: JACQUES, P.O. (Org). **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003a.
- DEBORD, G. Teoria da deriva. In: JACQUES, P.O. (Org). **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003b.
- DELEUZE, G. **Spinoza: Practical Philosophy**. San Francisco, CA: City Lights Books. 1988.
- JACQUES, P.O. (Org). **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- PINDER, D. Situationism/Situationist Geography. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. **International Encyclopedia of Human Geography**. Volume 10. Amsterdam: Elsevier. 2009. p. 144-150.
- SEDGWICK, E.K. **Touching Feeling. Affect, Pedagogy, Performativity**. Durham, NC: Duke University Press. 2003.
- STEVENS, Q. Situationist City. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. **International Encyclopedia of Human Geography**. Volume 10. Amsterdam: Elsevier. 2009. p. 151-156.
- THRIFT, N. Intensities of feeling: Towards a spatial politics of affect. **Journal Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**. Volume 86, p. 57-78, 2004.
- YPEN, C. Telling stories of the city. Walking ethnography, affective materialities, and mobile encounters. **Space and Culture**. Vol. 17, p. 211-223, 2014.

---

1. Todas as definições situacionistas publicadas na revista IS n. 1 foram traduzidas na obra “Apologia da Deriva”, organizada por Paola Berenstein Jacques (2003).

2. Merece menção a tentativa renegada de Constant com a Nova Babilônia. A controvérsia sobre este projeto levou ao seu desligamento da I.S. em 1960 (JACQUES, 2003).

**Sobre o autor – Informações prestadas pelos autores**

**Matheus Alcântara Silva Chaparim**

Aluno regular do Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGARQ) da UNESP. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2018).

**Eduardo Romero de Oliveira**

Doutor Possui em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2003), Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1995), Graduado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1990). Atualmente é Professor Assistente Doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

**Como citar esse artigo**

CHAPARIM, Matheus Alcântara Silva; OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Desafios metodológicos e reflexões na apreensão afetiva da cidade: a deriva como procedimento metodológico. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.60-80, jul, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6517>

Recebido em: 2019-05-15

Aceito em: 2019-07-04